



# Forum Desigualdades de Género

**Resumo  
de Comunicações**

**28 de Maio 2002**  
Auditório IEFP - Guarda

Dr.ª Maria Johanna Schouten\*

## "Géneros e espaços; um percurso antropológico"

\* Docente e Investigadora da Universidade da  
Beira Interior

### I

Reparei que os organizadores deste Fórum, para além da temática da desigualdade, se têm preocupado com o fenómeno da "separação" ou seja, da divisão de espaço. No desdobrável acompanhante lê-se o seguinte: "Durante anos a sociedade esteve organizada em torno de uma divisão rígida dos papéis sociais: Às mulheres cabia ficar em casa, cuidar das crianças, dos idosos, dos doentes e fazer todo o trabalho doméstico ..... os homens concentraram-se no trabalho fora de casa."

Nesta passagem, um ponto de referência é a casa: existem os espaços "dentro de casa" versus "fora de casa", o primeiro tradicionalmente terreno das mulheres, o segundo atribuído aos homens. A esses espaços estão associadas diferentes actividades. Da antropologia sabemos que em muitas sociedades cada um dos géneros tem um espaço próprio, menos acessível para indivíduos do outro género, a não ser parentes.

Deixando-me inspirar pelo título do Fórum, e por partes do texto acompanhante, debruçar-me-ei, nesta comunicação, sobre a relação entre desigualdades de género, por um lado, e sobre os espaços que cabem aos homens e às mulheres, por outro lado. Proponho-me, com um olhar basicamente antropológico, considerar a divisão sexual do espaço nalgumas zonas da Europa, e reflectir sobre a eventual correspondência entre esta compartimentalização e as desigualdades de poder. A exposição está baseada nos resultados da pesquisa de vários autores, e nas minhas próprias observações e análises.

### II

Uma distinção com frequência apresentada é aquela entre o espaço público e o espaço privado. Assim, o homem está associado ao espaço público, e a mulher ao privado, ou seja, à casa. Como diz o provérbio português: "Homem na praça, mulher em casa."<sup>14</sup>

<sup>14</sup> Na Andaluzia diz-se, segundo Uhl (1991): "La mujer es para la casa y el hombre es para el campo"

<sup>15</sup> Brandes 1980; Papataxiarchis 1991; Delamont 1995: 184-185; Driessen 1992.

<sup>16</sup> Pitt-Rivers 1993: 203; Gilmore 1990: 956-957.

<sup>17</sup> Brandes 1980: 185.

<sup>18</sup> Peristiany 1965; Um bom resumo das posições em torno do binómio honra-vergonha encontra-se em Silva 1998: 233, nota 22.

<sup>19</sup> Silva 1998: 218.

<sup>20</sup> Papataxiarchis 1991: 157; Cutileiro 1977: 184-186.

<sup>21</sup> Lever s.d.: 94-95.

<sup>22</sup> Autores e exemplos apresentados por Delamont 1995: 178-180.

dessa afirmação. As mulheres estão relegadas para espaços como a casa, o quintal, a igreja, o lavadouro, o mercado. Por outro lado, os terrenos privilegiados dos homens são o lugar de trabalho, a rua, a praça, o café, a taberna.<sup>15</sup> Tudo menos a casa. Como as etnografias referem, homens que passam muito tempo no lar são censurados. Tal actuação não é de macho.<sup>16</sup> Também a igreja, conclui Brandes no seu estudo sobre a Andaluzia, é considerada como um terreno doméstico e os homens devem limitar a sua presença, sob pena de serem designados como “efeminados”.<sup>17</sup>

Entre os antropólogos, houve tentativas de relacionar essa segregação com a existência, nas sociedades mediterrâneas, de um sistema de valores denominado de “honra e vergonha”. Embora haja divergência se tal sistema realmente existe e, no caso afirmativo, quais as suas características,<sup>18</sup> vale a pena fazer aqui referência a esta noção. Entre os factores que são precondições da honra para um homem, sublinha-se o porte das mulheres (filhas, irmãs, esposas). Estas devem cuidar bem dos homens e ter um comportamento sexual decente.

Sendo a honra, ou seja, o bom renome, fundamental para a qualidade de vida de cada um, muita importância é dada à impressão que se causa aos outros; deve-se, pelo menos, salvar as aparências. Por isso é aconselhável ter cuidado com o comportamento visível. Nas palavras de um dos entrevistados por Manuel Carlos Silva, no Minho: “As pessoas levam duas espécies de vidas: uma no palco público e outra dentro de casa.”<sup>19</sup>

As andanças das mulheres estão, especialmente, sujeitas a uma observação minuciosa. Para elas, o espaço fora da casa está minado. É lá que reina a intriga, a “má língua”, os conflitos latentes, por regra ditos de serem inspirados pela inveja.<sup>20</sup> O “gossip” pode provocar verdadeiras tragédias tais como o suicídio.<sup>21</sup> O receio pelos mexericos chega ao ponto de, como referida em várias etnografias sobre a Europa rural, as mulheres evitarem ser vistas na companhia de outra mulher, porque geraria a impressão que elas estariam a bisbilhotar.<sup>22</sup> De forma geral, não é considerado apropriado para as mulheres encontrarem-se com frequência em zonas atribuídas aos homens.

Isso não é apenas o caso nas zonas rurais, mas também nas cidades, como sublinha um estudo de Victoria Goddard sobre Nápoles nos anos 70.<sup>23</sup> Nos meios empobrecidos dessa cidade, onde cada tostão seria bem-vindo, seria de esperar que as mulheres, especialmente as solteiras, recorreriam às fábricas, pois naquela época havia falta de mão-de-obra. No entanto, essa opção foi rejeitada pela maior parte das mulheres, e pelos seus familiares masculinos e noivos / maridos. O facto de a mulher se dirigir a um meio considerado “perigoso” por ser tão “masculino” (pertencente ao espaço público) suscitaria suspeitas relativamente ao seu comportamento, e podia por em risco a honra da família.

Embora não possamos generalizar a partir desse caso, é, no entanto, de referir que nalguns centros industriais portugueses uma tal atitude também esteve e está latente. Como verifiquei nas minhas conversas com ex-operários e ex-operárias da indústria têxtil na Covilhã, a fábrica era considerado um lugar ameaçador para as mulheres e era para evitar. Havia outra razão pela qual as mulheres e os homens se opunham ao emprego feminino nas fábricas: o estatuto de dona de casa trazia mais prestígio.<sup>24</sup> No entanto, forçadas pelas condições económicas precárias, muitas mulheres acabavam por se empregar nas fábricas de lanifícios.

É obvio que existe diversidade nas zonas do mediterrâneo europeu. Na Galiza rural a divisão sexual aplica-se meramente ao trabalho e não ao espaço<sup>25</sup>. José Cutileiro constatou sobre o Alentejo, onde fez a sua pesquisa, nos anos 60, que as mulheres pobres frequentemente trabalhavam juntas aos homens no campo. E a cozinha, o lugar de trabalho por excelência para as mulheres, era virada para a rua, em vez de para um pátio interior.<sup>26</sup>

Um caso diferente encontra-se em Ipiros na Grécia, no estudo efectuado, já nos anos 50, por John Campbell sobre os Sarakatsani, comunidades de pastores. É impressionante o seu relato sobre a vida, praticamente de reclusas, que as mulheres levavam, nomeadamente as raparigas em idade núbil. Existiam prescrições rigorosas em relação ao seu vestuário, enquanto as adolescentes e as jovens adultas raramente saíam da casa ou do quintal. Faziam tudo para não correr o risco de se cruzar com um homem não parente, ou de, mesmo sem dar por isso, transgredir certas normas. Mesmo alguns dos espaços e tarefas tipicamente femininos tinham as suas limitações para essas jovens. Por exemplo, raras vezes assistiam aos serviços religiosos dominicais, um passeio semanal que para as outras mulheres representava uma das poucas quebras da rotina. As tarefas de buscar água ou lenha, que implicavam uma deslocação fora dos arredores da casa, cabiam por regra às mulheres mais velhas ou às raparigas pré-adolescentes.<sup>27</sup>

<sup>23</sup> Goddard 1993: 173-175.

<sup>24</sup> Comparar Almeida 1993.

<sup>25</sup> Aalen 1982: 11.

<sup>26</sup> Cutileiro 1971 / 1977.

<sup>27</sup> Campbell 1974 [1964], nomeadamente as páginas 287-288.

<sup>28</sup>Pimentel 2001: 28-29.

<sup>29</sup>Pimentel 2001: 41-48.

<sup>30</sup>Martins 1990: 95-96; imagens 8 e 9. Vale de Almeida 1991. É de salientar que este tipo de ideologia existiu também noutros países, o mais pronunciado naqueles com regimes ditatoriais, por exemplo na Alemanha Nazi (*Kinder, Kirche, Küche* como terreno da mulher) e na Itália fascista (Thalmann 1997: 629-633).

<sup>31</sup>Citado por Vicente 1999: 86. A fonte não está indicada claramente.

<sup>32</sup>Giddens 2000: 204.

<sup>33</sup>Ver Silva 1991; sobre a Grécia (Chipre), Loizos s.d.: 73.

### III

O espaço doméstico é o espaço atribuído à mulher. É assim nas sociedades rurais do mediterrâneo acima referidas, e continua a sê-lo na sociedade moderna, urbana, industrial. Em Portugal, o regime do Estado Novo foi bastante explícito nesse sentido; a partir de 1933, as mulheres, por medidas diversas, foram reenviadas para o lar.<sup>28</sup> Entre os vários motivos, um dos mais importantes mas ao mesmo tempo bem disfarçado era o de impedir a concorrência no mercado de trabalho.<sup>29</sup> A seca e impiedosa linguagem das leis foi, num outro patamar, acompanhada por prosa em que se enaltecia a mulher-dona de casa, e especialmente essa casa. O discurso de Salazar, o material pedagógico da escola: tudo apontava nesse sentido.<sup>30</sup> Certamente não é por acaso que uma das cantigas mais populares dessa época foi um elogio à casa, com a “sua alegria e tristeza”.

Será que o lar trouxe, e hoje em dia traz, para as mulheres tantas alegrias, como frequentemente foi sugerido? Será que ela é a “rainha da casa” e “o lar o seu paraíso”? Considerando o que respectivamente homens e mulheres portugueses fazem em casa, parece-me que, se a casa fosse um paraíso, sê-lo-ia mais para os homens. Como já foi afirmado “... Para a maioria dos homens, a casa representa um ‘refúgio do guerreiro’; para as mulheres, em contrapartida, a casa é o palco de uma permanente guerra quotidiana com as tarefas domésticas.”<sup>31</sup>

E não são apenas estes tipos de guerra que ocorrem em casa. Sabemos que às vezes acontecem guerras verdadeiras, resultando em feridos e até em mortes. Refiro-me à violência doméstica. Anthony Giddens afirma que “[a] casa é .. o lugar mais perigoso da sociedade moderna.”<sup>32</sup> Quem as pessoas alvo de violência? Na sua maior parte, são os mais vulneráveis: as crianças e as mulheres. O problema da violência doméstica é, infelizmente, de alcance global. Entre nós, a maior atenção que recentemente tem recebido, faz esquecer que é um fenómeno de longa data, mas sempre bem escondido atrás dos muros da casa, e/ou tolerado pela opinião geral.<sup>33</sup>

Por conseguinte, a casa nem sempre é um lugar agradável para as mulheres; mas, será que pelo seu relacionamento com a casa as mulheres têm poder? Na opinião de alguns, incluindo antropólogos, a posição-chave na vida doméstica traz à mulher, efectivamente, grandes oportunidades. É a mulher na sua casa que, como primeira socializadora e educadora, prepara os filhos para a vida futura. Como diz o provérbio inglês, “the hand that rocks the cradle rules the world”: a mão que embala o berço governa o mundo. Ou seja, as mulheres são as educadoras dos futuros detentores de poder. É evidente que aqui pensa-se em primeiro lugar nos filhos varão.

Outro ponto que diz-se ser vantajoso para a mulher é que cabe a ela a

gestão da casa, que é ela que toma as decisões sobre o dia-a-dia da vida doméstica. Mas, este poder de decisão não é todo cor-de-rosa. Não é tarefa fácil, uma vez que há sempre inúmeros problemas para resolver, entre eles conflitos entre os vários habitantes do lar. É comum em tais situações dirigir-se à mulher: à mãe / esposa, que deve agir como mediadora ou amortecedora. Graças à sua socialização específica, as mulheres conseguem desempenhar bem este papel complexo. No entanto, às vezes é demasiado para aguentar. Não é por acaso que há tantas mulheres doentes, muitas delas com problemas de foro nervoso.

Ainda, é a mulher que, muitas vezes, é a tesoureira da casa. E, podemos assumir que quem trata do dinheiro tem poder.<sup>34</sup> Também neste aspecto há um senão. Manejar os recursos não é o mesmo que recebê-los. O que é certo é que ser tesoureira é frequentemente um papel ingrato para as mulheres. Nomeadamente em unidades domésticas com recursos precários, é um puzzle, um quebra-cabeça quotidiano, tentar equilibrar as receitas com as despesas. No caso em que há mesmo falta de recursos, espera-se das mulheres um sacrifício da sua parte. Antes de recusar ao seu marido ou aos seus filhos qualquer bem considerado elementar, a mãe nega-o a si própria. E, aliás, em assuntos tão simples mas fundamentais como a ementa das refeições diárias, a mulher deixa-se orientar pelas preferências do marido e dos filhos. É isto que se espera dela. A mulher deve apagar-se, não apenas em aspectos materiais, mas também noutros, por exemplo ligados ao tempo de que ela pode dispor para si. A expectativa que ela primeiro deve assegurar que tudo em casa esteja em ordem antes de pensar em si, é uma das explicações pelo número reduzido de mulheres que participam em associações e que praticam desporto ou outras actividades de lazer fora de casa.<sup>35</sup>

Existem unidades domésticas em que à mulher é negada qualquer voz nas decisões de peso: é o homem (“varão”) que deve mandar, em distinção com o “varela” ou o “varunca”, que admitem alguma intervenção da mulher.<sup>36</sup> Contudo, esses poderes das mulheres no espaço doméstico, como temos argumentado, têm as suas limitações, e mesmo o seu lado negativo. O poder, ou o que parece poder, no espaço privado, está sujeito às condições do espaço público. Para referir de novo uma expressão portuguesa, popular entre os homens: “Em casa manda ela, quem manda nela sou eu.”<sup>37</sup> Os homens têm assento na esfera pública, que é o ambiente onde se decide sobre as questões de peso. Nesta vida administrativa-política, as mulheres por tradição não são bem-vindas. Mesmo se, agora, as leis e as normas permitem o acesso a esse espaço às mulheres, continua a existir outro impedimento: o espaço privado. Muitas vezes é precisamente por causa da casa e do trabalho

<sup>34</sup> Isto é um argumento apresentado por, entre outros, Gilmore (1990). Este, ao longo do seu artigo quer salientar o grande poder doméstico das mulheres na Andaluzia, mas sem convencer. Não refere que as mulheres fora da casa têm pouco poder, e que o poder em casa, geralmente, em última análise, assenta nos homens, que podem recorrer à força física. Gilmore afirma que violência em casa é um fenómeno raro, mas não especifica isso, nem diz como é que chegou a essa conclusão

<sup>35</sup> Hargreaves 1994: 185-188. As outras afirmações neste parágrafo estão baseadas num vasto leque de literatura sobre a vida familiar, em Portugal e na Inglaterra.

<sup>36</sup> Comunicou-me esta terminologia um dos senhores presentes no Fórum, que se referiu a aldeias na Beira Interior. No dicionário dos provérbios portugueses de Machado (1998) encontrei na página 207: “Em casa de varão, manda ele e ela não; na do varela, ora ele ora ela; na do varunca, ela sempre e ele nunca.” Na mesma obra de referência, está registada a seguinte expressão “Mulher que sabe obedecer em casa reina a valer.” (Machado 1998: 309).

<sup>37</sup> Ver Cutileiro 1977: 134-135.

<sup>38</sup> Parafraseada por Rogers 1978: 141.

<sup>39</sup> Delamont 1995: 173-177.

<sup>40</sup> Este tipo de argumento é também frequente entre os muçulmanos que defendem o uso do *hijab* (véu). É de referir que os valores das categorias não dominantes numa sociedade (os chamados *muted groups*) durante longo tempo foram ignorados, e que antropólogos, sociólogos e outros até há pouco partiam do princípio que os valores dos no poder (os homens, por exemplo) eram idênticos com os valores da sociedade no seu todo. Ver sobre esta problemática Ardener; Dubisch 1986: 32-33.

<sup>41</sup> Numa obra recentemente publicada sobre as sociedades mediterrâneas dedica-se atenção a este tema. (Albera, Blok e Bromberger (org.) 2001 – Veja, por exemplo, a contribuição de Gilmore).

<sup>42</sup> Ver Fletcher 2002.

<sup>43</sup> Schouten 2002.

<sup>44</sup> Ver as contribuições em Ardener (1993) sobre segregação em contextos tão diversos como o parlamento britânico ou a sociedade iraniana.

que essa dá às mulheres, que elas se vêem impossibilitadas de participar na vida política. O espaço privado revela-se como um adversário do espaço público, na competição sobre a disponibilidade da mulher, em vez de ser complementar.

Posto isso, parece verdade a afirmação de Michelle Rosaldo, uma das pioneiras da antropologia do género nos anos 1970, segundo a qual “a sujeição das mulheres só desaparecerá quando as mulheres não serão mais identificadas com a vida doméstica.”<sup>38</sup> O poder que a ligação à casa proporciona é um poder parcial.

## IV

Já vimos que não há unanimidade sobre a natureza da relação entre o espaço privado (como espaço atribuído às mulheres) e o poder. Para certos autores, no entanto, é absurdo reflectir sobre tal questão. Segundo eles, é falacioso supor que segregação implica automaticamente desigualdade.<sup>39</sup> Espaços distintos conforme o género, no sentido de segregação rígida, encontram-se não apenas em sociedades chamadas tradicionais, mas também no mundo ocidental-industrializado. Exemplos são as instituições escolares masculinas e femininas, ou as associações exclusivamente para homens ou para mulheres. Nestes casos, tal corre o argumento, pode ser que as mulheres entre si se sintam bem e apoiadas, até reforçadas pela solidariedade feminina<sup>40</sup> Por outro lado, uma situação em que homens e mulheres partilham o mesmo espaço não implica automaticamente uma situação de igualdade.

A questão de sobreposição entre segregação com base no género e a existência de desigualdade continua a ser objecto de debate nas ciências sociais,<sup>41</sup> mas ainda mais na política. Lembremos as novas orientações educacionais de George W. Bush a favor de escolas que admitem apenas alunos ou alunas, e a polémica que essas ideias provocaram.<sup>42</sup> Lembremos também as mulheres islâmicas, cujo véu demarca um espaço, não acessível para os homens não-parentes, uma questão que já abordei num texto prévio.<sup>43</sup>

Do texto que agora se aproxima do fim podemos concluir que a separação sexual é um fenómeno de todas as sociedades visitadas – e ainda de muito mais.<sup>44</sup> Também se pode concluir que, apesar das grandes mudanças, esta segregação continua a existir – na realidade observável, ou nas nossas ideias. Por isso, espero que estas minhas considerações possam ser de alguma forma úteis na análise das questões de “desigualdades de género”.

- daughters of Eve*. Oxford: Clarendon Press.]
- PITT-RIVERS, Julian A. 1971 *The people of the Sierra*. Chicago: The University of Chicago Press. [1954.]
- PITT-RIVERS, Julian A. 1993 "The Spanish bullfight and kindred activities", *Anthropology Today* 9 (4): 11-15..
- ROGERS, Susan Carol 1978 "Woman's place: A critical review of anthropological theory", *Comparative Studies in Society and History*: 123-162.
- SCHOUTEN, Maria Johanna 2002 *Modernidade e indumentária; As mulheres islâmicas*. Covilhã: UBI - CES working paper..
- SILVA, Luísa Ferreira da 1991 "O direito de bater na mulher; violência interconjugal na sociedade portuguesa", *Análise Social* 26 (111): 385-397.
- SILVA, Manuel Carlos 1998 *Resistir e adaptar-se; Constrangimentos e estratégias camponesas no Noroeste de Portugal*. Porto: Edições Afrontamento.
- THALMANN, Rita R. 1997 "La condition féminine sous le nazisme; entre tradition, modernité et hiérarchisation raciale", in C. Fauré (org.), *Encyclopédie Politique et Historique des Femmes*, pp. 623-642. Paris: PUF.
- UHL, S 1991 "Forbidden friends: Cultural veils of female friendship in Andalusia", *American Ethnologist* 18 (1): 89-103.
- VALE DE ALMEIDA, Miguel 1991 "Leitura de um livro de leitura: A sociedade contada às crianças e lembrada ao Povo", in: Brian O'Neill e Joaquim Pais de Brito (org.), *Lugares d'Aqui: Actas do Seminário 'Terrenos Portugueses'*, pp. 245-261. Lisboa: Dom Quixote.
- VICENTE, Ana 1998 *As mulheres em Portugal na transição do milénio*. Lisboa: Multinova.

# BIBLIOGRAFIA

- AALTEN, Anna 1982 *Women's work and sexuality in rural Galicia*. Universiteit van Amsterdam: working paper.
- ALMEIDA, Ana Nunes de 1993 "Mulheres e famílias operárias: a "esposa doméstica", *Análise Social* 120: 105-132.
- ARDENER, Shirley (org.) 1993 *Women and space; Ground rules and social groups*. Oxford: Berg. [1981.]
- BABO, Júlio Pedro 1999 *A construção social do género numa aldeia rural do Alto Douro* [dissertação de mestrado, Universidade do Minho]
- BRANDES, Stanley 1980 *Metaphors of masculinity; Sex and status in Andalusian folklore*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- CAMPBELL, J.K. 1974 *Honour, family and patronage*. New York, Oxford: Oxford University Press. [1964 Oxford: Clarendon.]
- COLE, Sally 1994 *Mulheres da praia; O trabalho e a vida numa comunidade costeira portuguesa*. Lisboa: Dom Quixote. [1991 *Women of the Praia*. Princeton University Press. ]
- CUTILEIRO, José 1977 *Ricos e pobres no Alentejo*. Lisboa: Sá da Costa. [1971 *A Portuguese rural society*. Oxford: Clarendon Press]
- DELAMONT, Sara 1995 "The gossips of the town; sex and gender in contemporary Europe", in *Appetites and identities; an introduction to the social anthropology of Western Europe*, pp. 172-192. London: Routledge.
- DOUGLAS, Mary 1970 *Purity and danger; An analysis of concepts of pollution and taboo*. Harmondsworth: Penguin. [1966.]
- DRIESSEN, Henk 1992 "Drinking on masculinity; Alcohol and gender in Andalusia", in: Dimitra Gefou-Madianou (org.), *Alcohol, gender and culture*, pp.71-79. London: Routledge.
- DUBISCH, Jill 1986 "Introduction", in J. Dubisch (org.), *Gender and Power in Rural Greece*. Princeton NJ: Princeton University Press.
- FERREIRA, J.M. Carvalho e outros 1995 *Sociologia*. Lisboa: McGraw Hill.
- FLETCHER, Michael A. 2002 "Single-sex education gets boost; Bush plan would

- inverse key policy”, *Washington Post* 9-5-2002
- GIDDENS, Anthony 2000 *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. [1997.]
- GILMORE, David D. 1990 “Men and women in Southern Spain: ‘Domestic power’ revisited”, *American Anthropologist* 92: 953-970.
- GILMORE, David D. 2001 “Why sexual segregation?” in Dionizi Albera, Anton Blok, e Christian Bromberger (org.), *L’anthropologie de la Méditerranée; Anthropology of the Mediterranean*, pp. 111-131. Paris: Maisonneuve et Larose.
- GODDARD, Victoria 1993 “Honour and shame: the control of women’s sexuality and group identity in Naples”, in: Pat Caplan (org.) *The cultural construction of sexuality*, pp. 166-192. London: Routledge.
- HARGREAVES, Jennifer 1994 *Sporting females: Critical issues in the history and sociology of women’s sports*. London: Routledge.
- LEVER, S., s.d. “Honour as a red herring”
- LOIZOS, Peter s.d. “A broken mirror; masculine sexuality in Greek ethnography”, in *Dislocating masculinity*, pp. 66-81. London: Routledge.
- MACHADO, João Pedro 1998 *O grande livro dos provérbios*. Lisboa: Ed. Notícias. 1995.
- MARTINS, Moisés de Lemos 1990 *O olho de Deus no discurso salazarista*. Porto: ed. Afrontamento.
- O’NEILL, Brian Juan 1984 *Proprietários, lavradores e jornaleiras*. Lisboa: Dom Quixote.
- PAPATAXIARCHIS, Evtymios 1991 “Friends of the heart: Male commensal solidarity, gender and kinship in Aegean Greece”, in P. Loizos e Evtymios Papataxiarchis (org.), *Contested identities: Gender and kinship in modern Greece*, pp. 156-179. Princeton: Princeton University Press.
- PERISTIANY, J.G. 1965 *Honour and shame; The values of Mediterranean society*. London: George Weidenfeld & Nicolson. / 1988 *Honra e vergonha. Valores das sociedades mediterrânicas*. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian.
- PIMENTEL, Irene Flunser 2001 *História das Organizações Femininas do Estado Novo*. Lisboa: Ed. Temas e Debates.
- PINA CABRAL, João 1989 *Filhos de Adão, filhas de Eva. A visão do mundo camponesa do Alto Minho*. Lisboa: Dom Quixote. [1986 *Sons of Adam*,